

# DANTE EM MACHADO DE ASSIS: UMA REVISÃO

Izabella Maddaleno<sup>1</sup>  
Teresinha Vânia Zimbrão da Silva<sup>2</sup>

## RESUMO

Esse texto é parte integrante de uma pesquisa que se propõe analisar as referências de Machado de Assis ao autor italiano Dante Alighieri e à sua obra. No presente artigo, revisitamos os poucos críticos que se ocuparam do tema e acrescentamos algumas considerações que, esperamos, sejam relevantes para os estudos machadianos.

Palavras-chave: Machado de Assis, Dante Alighieri, Referências, Citações.

## Introdução

A presença de Dante na obra de Machado é muito significativa e por isso mesmo deveria ser melhor analisada pela fortuna crítica do escritor. O presente artigo se propõe a contribuir para os estudos sobre essa presença, até hoje tão pouco sob análise. Sabe-se que Dante é referenciado por Machado com recorrência, seja por meio da citação direta de versos ou não. Por certo, as referências dantescas são encontráveis na produção do escritor desde o poema “Versos a Corina” de 1864 até o romance *Memorial de Aires* de 1908.

Em 1965, o francês Jean-Michel Massa (2015) escreveu o artigo “A presença de Dante na obra de Machado de Assis”, sugerindo que para levar a cabo os estudos sobre essa presença seriam necessários quatro frentes de investigações. De um modo geral, ele se dedicou no seu artigo às duas primeiras: 1) estudo das citações de Dante na obra de Machado; e 2) análise da tradução do canto XXV do *Inferno* feita pelo brasileiro. As duas últimas estão, ainda hoje, por serem pesquisadas: 3) busca das alusões à obra do florentino que não se apoiam em referência textual direta; e 4) impulso dado à obra machadiana pela técnica ou poesia do italiano (MASSA, 2015).

Em trabalhos anteriores<sup>3</sup>, nos dedicamos também aos dois primeiros itens relacionados por Massa, ou seja, realizamos uma revisão crítica dos estudos que

---

<sup>1</sup> Letras, UFJF, Doutora, izabellalettras@gmail.com.

<sup>2</sup> Letras, UFJF, Pós-Doutora, teresinha.zimbrao@gmail.com.

<sup>3</sup> MADDALENO, Izabella; SILVA, Teresinha V. Zimbrão da. Machado de Assis e *A divina comédia*. *Machado de Assis em Linha*, São Paulo, v. 12, n. 26, p. 181-198, abr. 2019. Disponível em:

levantaram as citações diretas de versos dantescos em Machado; e interpretamos algumas dessas citações, além de termos analisado a tradução machadiana do Canto XXV do *Inferno*. No presente artigo, nos propomos dar continuidade a esses trabalhos sobre a presença de Dante em Machado de Assis, contudo, revisando agora os estudos críticos sobre as referências dantescas sem citação direta de versos, ou seja, nos dedicaremos ao item 3 sugerido por Massa. A proposta é dialogar com os poucos estudos que levantaram as alusões machadianas à obra do florentino sem apoio da referência direta ao textual, e acrescentar então a nossa contribuição.

### **A crítica sobre a presença de Dante em Machado de Assis**

Dentre os poucos nomes que estudaram as referências dantescas em Machado de Assis, importa dialogar, no presente artigo, com aqueles que incluíram nos seus estudos as alusões ou referências ao poeta italiano sem citação direta de versos. Sem a intenção de esgotar nomes, é, sobretudo, o caso de Mário de Andrade ([1939]1974), de Edoardo Bizarri (1961;1965) e, mais recentemente, de Eugenio Vinci de Moraes (2007).

### **Mário de Andrade**

Mário de Andrade parece ter sido o primeiro a estudar a presença de Dante na obra de Machado, quando em 1939 publicou “Machado de Assis”, em *Aspectos da literatura brasileira* (1974). Andrade interpretou então o poema machadiano “Última jornada”, publicado em 1875 em *Americanas*, como sendo inspirado no Canto V do *Inferno*. Na sua análise, o modernista aponta, pelo menos duas, do que ele chama de possíveis “reminiscências” dantescas em “Última Jornada”, que julgamos importante notar como referência indireta aos versos de Dante e a respeito da qual organizamos um quadro para melhor visualização:

### Quadro I<sup>4</sup>

---

<<https://www.scielo.br/j/mael/a/phv3g5NR4tbzWw8HjKXdwp/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 11 jun. 2021. Doi:10.1590/1983-68212019122610. MADDALENO, Izabella; SILVA, Teresinha V. Zimbrão da. Dante no Brasil: do período colonial ao século XIX. *Todas as letras*, São Paulo, v. 21, n. 3, p. 1-15, 2019. Disponível em: <<http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tl/article/view/12626/10362>>. Acesso em 27 dez 2021.

<sup>4</sup> Elaboração própria.

Obra	Reminiscência dantesca em Machado	Versos d'A <i>divina comédia</i> <sup>5</sup>
Poesia: “Última Jornada” In: <i>Americanas</i> (1875)	E ela se foi nesse clarão primeiro (ASSIS, 2015c, p. 539).  Como um tronco do mato que desaba, / Tudo caiu (...) (ASSIS, 2015c, p. 539).	Cosi discesi del cerchio primaio (ALIGHIERI, <i>Inf.</i> V, 1).  e caddi come corpo morto cade. (ALIGHIERI, <i>Inf.</i> V, 142).

### Edoardo Bizarri

Mais de vinte anos depois do estudo de Mário de Andrade, surgiu a primeira pesquisa de fôlego sobre a referência dantesca na obra machadiana. Edoardo Bizarri desenvolveu o tema em *Machado de Assis e a Itália* (1961), e também no artigo “Machado de Assis e Dante” (1965). Na sua pesquisa, o italiano fez um amplo levantamento das citações diretas de versos dantescos referenciados na obra do escritor brasileiro, além de comentar a tradução que Machado realizou em 1874 do canto XXV do *Inferno* de Dante (ASSIS, 2015c, p. 570-575).

Notemos que o pesquisador italiano levantou as citações diretas dos versos dantescos na obra machadiana sem se preocupar em fazer interpretações. As obras citadas por Machado foram *La vita nuova* (ALIGHIERI, 1932) e *A divina comédia* (ALIGHIERI, 2010). Bizarri contou 23 citações de *A divina Comédia*, sendo 19 do *Inferno* e 4 do *Purgatório*, e 1 de *La vita nuova*, totalizando 24 citações dantescas.

Bizarri (1965) ainda pontuou, sem preocupação de fazer um levantamento exaustivo, algumas referências a Dante e/ou à *A divina comédia*, sem citação de versos, objeto de estudo do presente artigo, as quais organizamos no quadro a seguir para uma melhor visualização.

### Quadro II<sup>6</sup>

Obra	Referência de Machado a Dante
Crônica: 5 de julho de 1864  In: <i>Diário do Rio de Janeiro</i>	Dante, autor da <i>Divina Comédia</i> , foi 14 vezes embaixador da sereníssima República de Florença, e se o seu poema conquistou a admiração do mundo, os seus

<sup>5</sup> Estamos utilizando a seguinte edição bilíngue: ALIGHIERI, Dante. *A divina comédia*. Trad. Italo Eugenio Mauro. São Paulo: 34, 2010.

<sup>6</sup> Elaboração própria.

	serviços de homem público mereceram a consideração dos seus conterrâneos e a ingratidão de sua pátria (ASSIS, 2015 d, p. 111).
Conto: “Tempo de crise” (1873) In: <i>Jornal das Famílias</i>	Continua, meu Virgílio. Pois vai ouvindo, meu Dante (ASSIS, 2015b, p. 1143).
Crônica: 1 de agosto de 1876  “História de 15 dias” In: <i>Ilustração Brasileira</i>	Quem era certo cavalheiro italiano que gastou a vida a duelar-se em defesa da <i>Divina Comédia</i> , sem nunca a ter lido? (ASSIS, 2015d, p. 285).
Crônica: 1 de novembro de 1876 “História de 15 dias”. In: <i>Ilustração Brasileira</i>	(...) mas o bom geralmente não faz delirar. O ótimo, sim, senhor. Petrarca é o bom: Dante é o ótimo (ASSIS, 2015d, p. 303).
Conto: “D. Mônica”  Agosto a outubro de 1876. In: <i>Jornal das Famílias</i>	(...) A alma de Gaspar subiu ao sétimo céu e desceu para o último abismo, de um lance fez toda a jornada de Dante, ao invés, subindo ao paraíso e caindo de lá no derradeiro círculo do Inferno onde o diabo lhe apareceu, não com as três cabeças que o poeta lhe dá, mas com pouco mais de três dentes, que tantos possuía a tia de seu tio (ASSIS, 2015b, p. 1420).
Poesia: 10 de junho de 1880 In: <i>Gazeta de Notícias</i>  In: <i>Ocidentais</i> (1901)	Sonetos: Camões  Quando, transposta a lúgubre morada Dos castigos, ascende o florentino A região onde o clarão divino Enche de intensa luz a alma nublada  A saudosa Beatriz, a antiga amada, A mão lhe estende e guia o peregrino, (...) Tu que também o Purgatório andaste, Tu que rompestes os círculos do Inferno, (...) (ASSIS, 2015c, p. 565).
Crônica: 15 de julho de 1883  <i>Crônicas de Lélío</i> . In: <i>Gazeta de Notícias</i>	A Camisaria Especial é o ponto do universo onde os trocos, quando são de mais, não são restituídos ao dono da casa. O camiseiro põe todo o cuidado em contar o dinheiro: conta, reconta, soma, diminui, multiplica, divide, unta cuspe nos dedos para não perder nada; é o seu método. Se algum bilhete sai demais — ninguém o restituiu, vai forrar a porta do inferno dantesco (ASSIS, 2015d, p. 446).
Conto: “Só!”  06 janeiro de 1885. In: <i>Gazeta de Notícias</i>	Essa hora eloquente e profunda, que ninguém mais cantará como o divino Dante, ele só a conhecia pelo gás do jantar, pelo aspecto das viandas, ao tinir dos pratos, ao reluzir dos copos, ao burburinho da conversação, se

	jantava com outras pessoas, ou pensando nelas, se jantava só (ASSIS, 2015c, p. 180).
Poesia: “Relíquia Íntima” 15 janeiro de 1885. In: <i>A Estação</i>	Que nessa ocasião terás presente, A esperada gravura de patente Em que o Dante regressa do Inimigo (ASSIS, 2015c, p. 840).
Poesia: “1802-1885”. In: <i>Ocidentais</i> (1901)	Dos tiranos, e o velho e grave florentino, Que mergulha no abismo, e caminha no assombro, Baixa humano ao inferno e regressa divino (ASSIS, 2015c, p. 566).
Crônica: 25 de agosto de 1895 <i>A semana</i> In: <i>Gazeta de Notícias</i>	Dante, sendo embaixador, deu exemplo aos governos de que um homem pode escrever protocolos e poemas, e fazer tão bem os poemas, que ainda saíam melhores que os protocolos. (ASSIS, 2015d, p. 1121).
Crônica: 15 de dezembro de 1895 <i>A semana.</i> In: <i>Gazeta de Notícias</i>	Por mais que o velho Crispi e o seu inimigo Cavalloti estraguem o próprio idioma com os barbarismos que o Parlamento impõe, um homem de boa vontade pode ouvi-los, com o pensamento nos tercetos de Dante, e se os repetir consigo, acaba crendo que os ouviu do próprio poeta. Tudo é sugestivo neste mundo (ASSIS, 2015d, p. 1153).
Romance: <i>Memorial de Aires</i> (1908)	A reconciliação eterna, entre dois adversários eleitorais, devia ser exatamente um castigo infinito. Não conheço igual na <i>Divina Comédia</i> . Deus, quando quer ser Dante, é maior que Dante (ASSIS, 2015a, p. 1233).

### Eugenio Vinci de Moraes

Mais de quatro décadas depois, surgiu o trabalho de Eugenio Vinci de Moraes. Na sua tese de doutorado intitulada, “A tijuca e o pântano. *A divina comédia* na obra de Machado de Assis entre 1870 e 1881”, Moraes (2007) revisou o levantamento quantitativo de Edoardo Bizarri, acrescentando uma citação direta de verso dantesco, presente no poema machadiano intitulado “Niâni”, que escapou ao trabalho exaustivo realizado pelo italiano em 1961-1965. Com a descoberta de Moraes, o número de citações diretas de versos dantescos na obra machadiana cresceu em uma citação, somando 25 citações: 12 na obra literária e 13 na jornalística.

Moraes também pontuou, sem preocupação de fazer um levantamento exaustivo, algumas referências, sem citação de versos, a Dante e/ou à *A divina comédia*. O pesquisador defendeu ainda a autoria machadiana de uma paródia a Dante e a interpretou, sublinhando que quem primeiro sugeriu essa autoria foi Raymundo

Magalhães Júnior em *Vida e obra de Machado de Assis* (1981). Segue o nosso quadro sobre mais esses acréscimos de Moraes ao estudo de Bizarri.

Quadro III<sup>7</sup>

Obra	Referência de Machado a Dante
Paródia: “Inferno – canto suplementar ao poema de Dante pelo Dr. Semana” 12 de julho de 1874 In: <i>Semana Ilustrada</i>	Paródia de 109 versos ao <i>Inferno</i> . Pseudônimo Dr. Semana
Conto: “Antes da missa (conversa de duas damas)” 07 de maio de 1878 In: <i>O Cruzeiro</i>	D. Beatriz e D. Laura (ASSIS, 2015c, p. 1219).
<i>Memórias póstumas de Brás Cubas</i> (1881)	Valsamos uma vez, e mais outra vez. Um livro perdeu Francesca; cá foi a valsa que nos perdeu (ASSIS, 2015a, p. 653).

Moraes ainda apontou que o verso machadiano da estrofe XIX do Canto IV do épico herói-cômico, “O Almada”, seria uma versão machadiana do verso 1 do Canto XXXIII do *Inferno*:

Quadro IV

Obra	Referência de Machado	Versos d’ <i>A divina comédia</i>
Poesia: “O Almada”	A boca levantou do eterno pasto (ASSIS, 2015c, p. 798)	La boca sollevò dal fiero pasto (ALIGHIERI, <i>Inf.</i> XXXIII, 1)

Diversamente de Bizarri, cujo objetivo maior foi levantar as citações, Moraes se dedicou à interpretação de algumas. Na verdade, no horizonte da fortuna crítica machadiana das últimas décadas, além da pesquisa de Moraes, apareceram outros estudos interpretando as citações diretas de versos dantescos levantadas por Bizarri desde 1961-1965, com os quais dialogamos nos trabalhos anteriores já mencionados.

### Outros estudos críticos

A brasilianista Helen Caldwell, em *Machado de Assis* (1970), estudou o romance *Esau e Jacó*, considerando a referência dantesca. Décadas depois, nos artigos

<sup>7</sup> Elaboração própria.

*Flagrantes da reescritura machadiana da tradição católica* (1999) e *Machado de Assis: Dico, che quando l'anima mal nata* (2015), a referência a Dante no romance recebeu o estudo da crítica Teresinha Zimbrão da Silva. Notemos que tanto Caldwell, em *Machado de Assis* (1970), quanto Silva, em “Flagrantes da reescritura machadiana da tradição católica” (1999), além de estudarem no romance o verso dantesco, *Dico, che quando l'anima mal nata...*, estudaram também o título do segundo capítulo de *Esau e Jacó*, “Melhor de descer que de subir”, como uma referência indireta a um verso dantesco do Canto IV do *Purgatório*. Segue o nosso quadro sobre mais este acréscimo aos estudos sobre as referências indiretas de Machado de Assis à obra *A divina comédia*:

#### Quadro V<sup>8</sup>

Obra	Referência de Machado	Versos d' <i>A divina comédia</i>
<i>Esau e Jacó</i> (1904) Cap. II	Melhor de descer que de subir (ASSIS, 2015a, p. 1050).	e quant' uom piú va su, e men fa male (ALIGHIERI, <i>Purg.</i> IV, 90).

Dadas essas considerações sobre a crítica machadiana que se dedicou ao tema, explicitaremos em seguida a contribuição que o presente artigo se propõe aos estudos sobre a presença de Dante em Machado de Assis.

#### O nosso levantamento quantitativo

*Bizarri também comenta várias alusões a Dante, sobretudo nas crônicas, mas não faz um levantamento de todas. De fato, este é um trabalho a ser feito (...). (MORAES, 2007, p. 9)*

Notemos que, aos trabalhos de Bizarri (1961) e (1965) e de Moraes (2007) sobre as referências dantescas sem citação de versos, acrescentamos o nosso próprio levantamento, também parcial, onde encontramos 15 referências distribuídas dentro da obra literária e da jornalística, as quais organizamos no quadro que se segue:

#### QUADRO VI<sup>9</sup>

Obra	Referência de Machado a Dante e/ou a <i>A divina comédia</i>
------	--

<sup>8</sup> Elaboração própria.

<sup>9</sup> Elaboração própria.

Poesia: “Versos a Corina” In: <i>Crisálidas</i> (1864)	É a doce Beatriz, flor e honra do Lácio, Seguindo além da vida as viagens do Dante; (ASSIS, 2015c, p. 627).
Crônica: 31 de janeiro de 1865 In: <i>Ao acaso</i>	(...) os vícios abriram voo, como as águas dantescas, e volveram para sempre aos antros do inferno; o diabo cortou as pontas e lançou a causa ao fogo (ASSIS, 2015d, p. 229).
Carta (1868) Ao s. ex. o sr. Conselheiro José de Alencar In: <i>Miscelânea</i>	Escolhendo-me para Virgílio do jovem Dante que nos vem da pátria de Moema (...) (ASSIS, 2015c, p. 1147).
Conto: “Linha reta e linha curva” (1869) In: <i>Contos Fluminenses</i>	Passou à Itália e levantou o espírito à altura das recordações da arte clássica. Viu a sombra de Dante nas ruas de Florença; viu as almas dos doges pairando saudosas sobre as águas viúvas do mar Adriático. (ASSIS, 2015b, p. 111).
Conto: “Uma águia sem asas” (1872) In: <i>Contos Avulsos</i>	Inspira-me, e eu serei maior que Petrarca e Dante, porque tu vales mais que Laura e Beatriz! ... (ASSIS, 2015b, p. 1087).
Conto: “Aurora sem dia” (1873) In: <i>Histórias da meia noite</i>	Luís Tinoco confessava singelamente ao mundo que fora invadido do ceticismo byroniano, que tragara até às fezes a taça do infortúnio, e que para ele a vida tinha escrita na porta a inscrição dantesca (ASSIS, 2015b, p. 200).  - Uma moça, é pouco; diga a mais gentil criatura que o sol ainda alumiou, uma sílfide, a minha Beatriz, a minha Julieta, a minha Laura... (ASSIS, 2015b, p. 203).
Crônica: “1 de julho de 1876” In: <i>História de 15 dias</i>	Não aconteceu o mesmo àquele sujeito do Ceará, a quem quiseram dar a última casa, estando ele vivo, e mais que vivo. Um minuto mais, tinha ele cinco palmos de terra sobre o ventre, por outras palavras um suplício maior que o de todos os que inventou Dante (ASSIS, 2015d, p. 279).
Conto: “As academias de Sião” (1884) In: <i>Histórias sem data</i>	Mas a alma do rei não ouviu o resto. Lépidia e cintilante, deixou o seu vaso físico e penetrou no corpo de Kinnara, enquanto a desta se apoderava do despojo real. Ambos os corpos ergueram-se e olharam um para o outro, imagine-se com que assombro. Era a situação do Buoso e da cobra, segundo conta o velho Dante; mas vede aqui a minha audácia. O poeta manda calar Ovídio e Lucano, por achar que a sua metamorfose vale mais que a deles dois. Eu mando-os calar a todos três. Buoso e a cobra não se encontram mais, ao passo que os meus dois heróis, uma vez trocados, continuam a falar e a viver juntos — coisa evidentemente mais dantesca, em que me pese à modéstia (ASSIS, 2015d, p. 429).



<p>Conto: “Último capítulo” (1884) In: <i>Histórias sem data</i></p>	<p>Rufina (permitam-me esta figuração cromática) não tinha a alma negra de lady Macbeth, nem a vermelha de Cleópatra, nem a azul de Julieta, nem a alva de Beatriz, mas cinzenta e apagada como a multidão dos seres humanos (ASSIS, 2015b, p.350).</p>
<p>Crônica: 27 de agosto de 1893 In: <i>A semana</i></p>	<p>Os bacilos da saúde não são só modelos de virtudes públicas e privadas. Dotados de algum intelecto, associam-se para compor um talento ou um gênio, e são eles que formam as novas ideias, discursos e livros. Há uns poéticos, outros oratórios, outros políticos, outros cientistas. Dante era um homem de muitos bacilos (ASSIS, 2015d, p. 945).</p>
<p>Crônica: 15 de dezembro de 1895 In: <i>A semana</i></p>	<p>Lopes Neto foi meter-se na Itália (...). A língua que ali se ouve imagino que repercutirá na alma estrangeira como as estrofes dos poetas da terra. Por mais que o velho Crispi e o seu inimigo Cavalloti estraguem o próprio idioma com os barbarismos que o parlamento impõe, um homem de boa vontade pode ouvi-los, com o pensamento nos tercetos de Dante, e se os repetir consigo, acaba crendo que os ouviu do próprio poeta (ASSIS, 2015d, p. 1153).</p>
<p>Conto: “Uma por outra” (1897) In: <i>Contos Avulsos II</i></p>	<p>Chamei-lhe Pia. Se me perguntares a razão deste nome, ficarás sem resposta; foi o primeiro que me lembrou, e talvez porque a Ristori representava então a Pia de Tolomei. Assim como chamei Sílvia à outra, assim chamei Pia a esta; mania de lhe dar um nome. A diferença é que este se prestava melhor que o outro a alusões poéticas e morais; atribuí naturalmente à desconhecida a piedade de uma grande alma para com uma pobre vida, e disse isto mesmo em verso, — rimado e solto (ASSIS, 2015d, p. 279).</p>
<p>Romance: <i>Dom Casmurro</i> (1899)  Capítulo XXXII</p>	<p>Quantos minutos gastamos naquele jogo? Só os relógios do céu terão marcado esse tempo infinito e breve. A eternidade tem as suas pêndulas; nem por não acabar nunca deixa de querer saber a duração das felicidades e dos suplícios. Há de dobrar o gozo aos bem-aventurados do Céu conhecer a soma dos tormentos que já terão padecido no inferno os seus inimigos; assim também a quantidade das delícias que terão gozado no Céu os seus desafetos aumentará as dores aos condenados do inferno. Este outro suplício escapou ao divino Dante; mas eu não estou aqui para emendar Poetas (ASSIS, 2015a, 939-940).</p>
<p>Romance: <i>Quincas Borba</i> (1891)  Capítulo CXLVIII</p>	<p>Dante, que viu tantas coisas extraordinárias, afirma ter assistido no inferno ao castigo de um espírito florentino, que uma serpente de seis pés abraçou de tal modo, e tão confundidos ficaram, que afinal já se não podia distinguir bem se era um ente único, se</p>

	dois. Rubião era ainda dois (ASSIS, 2015a, p. 864).
Romance: <i>Esau e Jacó</i> (1904) Capítulo CXIII	Flora, se visse os gestos de ambos, é provável que descesse do Céu, e buscasse maneira de os ouvir perpetuamente, uma Beatriz para dois. Mas não viu ou não lhe pareceu bem descer (ASSIS, 2015a, p. 1185).

Com o levantamento parcial que já tínhamos das referências dantescas sem citação de versos feito por Bizarri (1961; 1965) e Moraes (2007), mais o nosso próprio exposto acima, somado ainda ao levantamento exaustivo das citações diretas de versos dantescos realizada por Bizarri (1961; 1965), e complementada por Moraes (2007), que estudamos nos trabalhos anteriores, podemos fazer algumas observações gerais.

Machado cita ou se refere a episódios do *Inferno* e *Purgatório*, o *Paraíso* fica de fora. Em sua maioria, são episódios conhecidos e muito citados: a chegada ao Inferno, a entrada na *Città*, as passagens sobre Francesca e Ugolino, dentre outros personagens dantescos. Determinadas citações e referências são muito caras ao escritor e se repetem ao longo da sua obra, algumas por diversas vezes, comprovando a importância da presença de Dante em Machado.

### Acréscimos à crítica

A proposta é dialogar aqui com os trabalhos de Caldwell (1970) e Silva (1999), sobre a possível referência de Machado a Dante no título do segundo capítulo de *Esau e Jacó*: “Melhor de descer que de subir”. Na verdade, Caldwell sugere que esse título é uma alusão ao verso do *Purgatório*, e Silva (1999) aceita a sugestão na sua interpretação do romance.

Lembremos que o segundo capítulo narra a seguinte cena: terminada a consulta oracular anunciadora do destino grandioso dos gêmeos, as duas damas, contentíssimas, descem rápido o Morro do Castelo, atinando então que esse morro que elas tinham subido de modo tão penoso, à maneira mesmo de penitência, era na verdade, “melhor de descer que de subir” (ASSIS, 2015a, p. 1050). A respeito da alusão dantesca, explica Silva:

Ora, se lemos em *Esau e Jacó* sobre o Morro do Castelo, a ser subido penitenciosamente, na *Divina Comédia* lemos sobre um outro Morro, o próprio *Purgatório*, a ser também subido como penitência. Só que ao contrário do morro machadiano, que já sabemos ser “melhor de descer

que de subir”, no morro dantesco o melhor é a subida pois, segundo Dante, ali “quem mais sobe acha menos resistência”. Vemos, portanto, que o título do segundo capítulo de *Esau e Jacó*, “melhor de descer que de subir”, admite-se como uma inversão do verso dantesco “quem mais sobe acha menos resistência” (SILVA, 1999, p. 6).

Silva interpreta o romance em termos de reescritura da tradição ocidental, procurando mostrar que essa tradição comparece em maior ou menor grau modificada na obra machadiana e defende que tais modificações são resultantes de um processo de atualização do texto original para um outro contexto muito distinto daquele de origem. Sendo assim, comenta sobre a modificação do verso dantesco em *Esau e Jacó*:

Esta inversão é sugestiva do quanto a reescritura machadiana, ao procurar as atuais proporções na tradução do sagrado Morro do Purgatório no profano Morro do Castelo, veio então a modificar o texto original. A ultrapassada metafísica medieval de Dante é substituída pela física moderna de Newton que ao considerar a gravidade desautoriza o verso dantesco e autoriza a versão machadiana de que é mais fácil para um corpo a descida do que a subida. Principalmente se, segundo o narrador, esse “corpo” estava apreensivo ao subir e alegre ao descer (SILVA, 1999, p. 6).

A pesquisadora ainda acrescenta um outro dado, para reforçar a associação do Morro do Castelo ao Morro do Purgatório, presente também no segundo capítulo de *Esau e Jacó*:

Realmente, vemos que esse “corpo” estava de tal modo alegre com a profecia, que, ao ouvir alguém pedir a esmola para a missa das almas, deitou à bacia do pedinte “uma nota de dois mil-réis, nova em folha (...) para as almas do purgatório”. (...) Notemos que a referência explícita ao “purgatório” é das mais sugestivas da aproximação entre o machadiano Morro do Castelo e o dantesco Morro do Purgatório (SILVA, 1999, p. 6).

O presente artigo pretende acrescentar ao trabalho de Silva uma contribuição: além das modificações ao verso então detectadas, ou seja, a sua inversão de sentido subir/descer, podemos explicitar outras modificações, dessa vez não tão literais, que importa comentar.

Principiemos por notar que as referências de Machado ao escritor italiano Dante são também referências à Europa, à ex-metrópole, e que são feitas por um brasileiro, escritor de uma ex-colônia. O verso dantesco é recortado de um contexto literário canônico e “rebaixado” ao ser inserido em uma obra desconhecida. Se, no original, o

verso se refere a um Morro consagrado pela literatura ocidental, o Purgatório, na versão “rebaixada” se refere ao prosaico Morro do Castelo. Enquanto personagens cosmopolitas sobem o Purgatório dantesco, damas provincianas descem o morro machadiano.

O escritor brasileiro recorta o verso dantesco do seu contexto clássico e universal de origem, e o insere no contexto local do seu romance, construindo a diferença entre a sua versão e o original. Nesse procedimento, Machado de Assis “rebaixa” a referência européia às dimensões do contexto cultural da ex-colônia onde a insere. Ao mesmo tempo, ao colocar uma moldura clássica numa cena prosaica de província, o escritor brasileiro “eleva” o prestígio da sua literatura ao ponto da sua inserção no contexto da literatura ocidental. É fato que Machado de Assis, um século depois da sua morte, é reconhecido pela crítica literária do ocidente como um cânone ocidental.

### Considerações finais

*Dante foi entre os autores preferidos de Machado de Assis [...].  
Esta predileção não é de causar estranheza. [...];  
é de estranhar, ao contrário,  
não tê-la os estudiosos devidamente sublinhado e analisado.  
(Bizarri, 1961, p. 18)*

As afirmações em epígrafe do italiano Edoardo Bizarri continuam válidas sessenta anos depois: de fato, é de estranhar que a crítica não tenha devidamente sublinhado e analisado a presença de Dante Alighieri em Machado de Assis. No presente artigo procuramos dar continuidade aos trabalhos sobre a presença de Dante em Machado de Assis a partir da revisão crítica dos estudos sobre as referências dantescas sem citação direta de versos. Dialogamos com os poucos estudos sobre o tema e acrescentamos então a nossa contribuição, que esperamos, sejam relevantes para os estudos machadianos.

### Referências

ALIGHIERI, Dante. *A divina comédia*. Edição bilíngue. Trad. Italo Eugenio Mauro. Prefácio de Otto Maria Carpeaux. São Paulo: Editora 34, 2010, 3v.

\_\_\_\_\_. *La vita nuova di Dante Alighieri*. Firenze: Bemporad, 1932.

ANDRADE, Mário de. Machado de Assis. In: ANDRADE, Mário de. *Aspectos da literatura brasileira*. 5. ed. São Paulo: Livraria Martins editora, [1939]1974, p. 97-102.

ASSIS, J. M. Machado de. *Obra Completa*. 3 ed. São Paulo: Nova Aguilar, 2015a. v. 1.

ASSIS, J. M. Machado de. *Obra Completa*. 3. ed. São Paulo: Nova Aguilar, 2015b. v. 2.

ASSIS, J. M. Machado de. *Obra Completa*. 3. ed. São Paulo: Nova Aguilar, 2015c. v. 3.

ASSIS, J. M. Machado de. *Obra Completa*. 3. ed. São Paulo: Nova Aguilar, 2015d. v. 4.

BIZARRI, Edoardo. Machado de Assis e a Itália. *Caderno do Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro*, São Paulo, n. 1, p. 5-38, 1961.

BIZARRI, Edoardo. Machado de Assis e Dante. *Caderno do Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro*, “O meu Dante”, São Paulo, n. 5, p. 133-144, 1965.

CALDWELL, Helen. *The brazilian master and his novel*. Los Angeles and Berkely: The University of California Press, 1970.

MAGALHÃES JR., Raimundo. *Vida e obra de Machado de Assis*. 4 vols. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981, v.1.

MASSA, Jean-Michel. Presença de Dante na obra de Machado de Assis. Trad. E. V. de Moraes; M. A. C. Capello. *Machado de Assis em linha*, São Paulo, v. 8, n. 16, p. 138-148, dez. 2015. Disponível em: <<http://machadodeassis.fflchusp.br>>. Acesso em: 15 out. 2018.

MASSA, Jean-Michel. *Machado de Assis tradutor*. Trad. O. S. Ferraz. Belo Horizonte: Crisálidas, 2008.

MORAES, Eugênio Vinci. *A tijuca e o pântano. A Divina Comédia na obra de Machado de Assis entre 1870 e 1881*. 2007. 179f. São Paulo, 2007. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira) -- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. Disponível em: <<https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8149/tde-13022008-105611/pt-br.php>>. Acesso em: 11 out. 2018.

SILVA, Teresinha V. Zimbrão da. Flagrantes da reescritura machadiana da tradição católica. *Revista Matranga*, v. 12, p.1-8 (segundo semestre), 1999. Disponível em: <[www.pgletras.uerj.br/matranga/matranga12/matranga12zimbrao.pdf](http://www.pgletras.uerj.br/matranga/matranga12/matranga12zimbrao.pdf)>. Acesso em: 01 set. 2020.

SILVA, Teresinha V. Zimbrão da. *Machado de Assis: Dico, che quando l'anima mal nata*. *Revista Estação Literária*, Londrina, v. 13, p. 324-334, jan. 2015. Disponível em: <<http://www.uel.br/pos/letras/EL/vagao/EL13-Art22.pdf>>. Acesso em 11 junho 2021.

## DANTE IN MACHADO DE ASSIS: A REVIEW

### ABSTRACT

This article is an excerpt from a larger work that aims to analyze Machado de Assis' references to Italian author Dante Alighieri and his work. In this article, we revisit the few critics who have dealt with the topic and add considerations that we hope will be relevant to Machadian studies.

Keywords: Machado de Assis, Dante Alighieri, References, Citations.